

CAMINHOS LÚDICO-PEDAGÓGICOS PARA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOCARTOGRÁFICO INCLUSIVO NA EJA

Janiara Almeida Pinheiro Lima ¹
Natália Karoline Cândido Salvador ²
Jessé Santos de Souza Junior ³

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma experiência didático-pedagógica realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no campo da Cartografia escolar. Foi desenvolvido na Escola Municipal Em Tempo Integral (EMTI) São Cristóvão, localizada no bairro da Guabiraba, na periferia urbana da zona norte do Recife-PE. Seu objetivo principal foi desenvolver o raciocínio geocartográfico acerca dos conceitos basilares da Cartografia referentes a orientação e a localização geográfica, com estudantes da EJA, por meio de atividades lúdicas, considerando suas vivências e experiências cotidianas. Para tanto, adotou como aporte teórico-metodológico estudos sobre a aprendizagem colaborativa (Dillenburg, 1999; Torres e Irala, 2014), a Pedagogia da autonomia (Freire, 2007), a aprendizagem significativa (Auzubel, 1980; Moreira, 2011), o lúdico na EJA (Lima, 2023; Lima e Mota, 2024), a Cartografia escolar (Castrogiovanni e Abreu e Silva, 2020), o raciocínio geocartográfico (Costa e Silva, 2023; Castellar, 2011; Cavalcanti, 2002) e a inclusão para todos (Mantoan, 2007). A metodologia desenhou-se da seguinte maneira: aula expositiva dialogada; construção da rosa dos ventos; uso pedagógico do celular para utilização da bússola; uso de bússola analógica; caminhada pela escola e roda de conversa. Como resultados alcançou-se a construção do raciocínio geocartográfico pelos estudantes, a compreensão do uso da Cartografia no cotidiano, a inclusão dos estudantes com deficiência nas atividades desenvolvidas, o divertimento e a alegria dos discentes em aprender. Assim, conclui-se que o trabalho lúdico-pedagógico realizado na EJA colaborou para uma aprendizagem significativa, para a inclusão de todos os estudantes envolvidos e para o fortalecimento da cidadania por meio da Cartografia escolar.

Palavras-chave: EJA, Cartografia Escolar, Lúdico, Ensino de Geografia, Inclusão.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar é um campo de atuação fascinante e desafiador para o docente em Geografia. Pois, a mesma envolve diferentes etapas de ensino e consequentemente, de públicos, os quais requerem do professor de Geografia uma

¹Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, janiara8890@gmail.com;

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, natalia_karoline94@hotmail.com;

³ Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, jess.santosj@ufpe.br.



capacidade de adequação do seu discurso educativo, sem perder a cientificidade que a ciência geográfica requisita no ambiente escolar.

Nesse contexto, o trabalho com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa um grande desafio e ao mesmo tempo, compromisso com fazer da ciência geográfica para estes estudantes um caminho para elucidar questões cotidianas e compreender os espaços em que estão inseridos.

Assim, este trabalho refere-se a uma experiência didático-pedagógica realizada com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no campo da Cartografia escolar. Foi desenvolvido no turno da noite, na Escola Municipal Em Tempo Integral (EMTI) São Cristóvão, localizada no bairro da Guabiraba, na periferia urbana da zona norte do Recife-PE (Figura 1).

Figura 1: EMTI São Cristóvão



Fonte: A autora, 2024.

O aporte teórico-metodológico alicerçou-se em estudos sobre a aprendizagem colaborativa conforme Dillenburg (1999) e Torres e Irala (2014), na Pedagogia da autonomia pautada em Freire (2007), na aprendizagem significativa segundo Auzubel (1980) e Moreira (2011), no lúdico na EJA de acordo com os trabalhos recentes de Lima (2023) e Lima e Mota (2024), na Cartografia escolar conforme Castrogiovanni e Abreu e Silva (2020), no raciocínio geocartográfico inferindo o que enunciam Costa e Silva (2023), Castellar (2011), Cavalcanti, (2002) e na discussão acerca da inclusão para todos proposta por Mantoan (2007).



Nesse contexto, essa ancoragem possibilitou planejar as aulas de modo a construir um ambiente de aprendizagem que favorecesse os estudantes da EJA das turmas do módulo IV referente ao 6º e 7º ano, e do módulo V referente ao 8º e 9º ano correspondendo a etapa de Ensino Fundamental - Anos Finais.

Seu objetivo principal foi desenvolver o raciocínio geocartográfico acerca dos conceitos basilares da Cartografia referentes a orientação e a localização geográfica, com estudantes da EJA, por meio de atividades lúdicas, considerando suas vivências e experiências cotidianas.

Buscou utilizar de mecanismos lúdico-pedagógicos para acessar o interesse, a curiosidade e a aprendizagem com significado dos estudantes da EJA. Desse modo, adotou uma metodologia dialógica e que aproximou-se da abordagem qualitativa enquanto pesquisa. Pois, a realidade de alfabetização das turmas era pouco favorável, o que aumentou o desafio de ensinar Geografia a quem ainda estava aprendendo a ler.

Desse modo, as estratégias adotadas permitiram alcançar resultados que indicaram a aprendizagem ativa e significativa dos estudantes, bem como a sua compreensão dos seus cotidianos por meio de uma Geografia contextualizada a sua realidade.

METODOLOGIA

A metodologia buscou alicerce em Freire (2007) considerando a realidade dos estudantes da EJA, mas também, nas experiências recentes de Lima (2023) e Lima e Mota (2024) acerca das ações didático-pedagógicas desenvolvidas com turmas da EJA no Recife.

Conforme Lima e Mota (2024, p. 2890), na EJA,

O trabalho com as atividades lúdicas, tem a finalidade de romper com o distanciamento teórico de apresentação de mapas e representações, por vezes, exóticos a realidade dos estudantes e promover envolvimento ativo dos mesmos no processo de aprendizagem, oportunizando novas experiências e reflexões a partir dos elementos da Cartografia.

Nesse contexto, a mescla entre teoria e prática proposta pelos autores em questão indicou o caminho a ser seguido com os estudantes das turmas da EMTI São Cristóvão, uma vez que, era necessário proporcionar uma curiosidade epistemológica que motivasse os estudantes a estarem na escola e participarem das aulas.



Dessa forma, foram adotados como procedimentos metodológicos: aula expositiva dialogada; construção coletiva da rosa dos ventos; uso pedagógico do celular para utilização da bússola; uso de bússola analógica; caminhada pela escola e roda de conversa.

O trabalho com os estudantes demandou o tempo de 4 h/a, onde cada h/a correspondeu a 40min, onde foram sendo construídas as atividades com os estudantes e as aprendizagens realizadas de forma colaborativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da dificuldade dos estudantes em ler foi preciso proporcionar um ambiente de aprendizagem ativa e colaborativa, de modo a incluir todos os estudantes em aulas que fossem compreensíveis e que tivessem resposta a famosa pergunta: e eu vou usar isso onde? Ou quem sabe: E isso vai me servir para quê?.

Dessa forma, adotar uma exposição de conteúdos dialogada foi um primeiro grande passo para aproximar os estudantes dos conteúdos geográficos a serem ensinados e criar um ambiente acolhedor, semelhante a uma conversa, onde privilegia-se a aprendizagem e não as formalidades e burocracias. E dessa maneira, discorrer sobre a Cartografia, em especial sobre a orientação e localização no espaço, foi sendo construída como uma roda de conversa sobre acontecimentos cotidianos.

Perguntou-se aos estudantes primeiro se eles sabiam o que era a Cartografia. A resposta foi não. Então perguntei se podia contar uma história sobre esse assunto. E utilizando seus nomes como nomes de personagens, fui traçando uma história que narrava o deslocamento diário deles por meio do uso dos transportes coletivos, motos e carros. Em seguida inseri na história a compra de uma pizza pelo *Ifood*. Nesse momento todos se animaram. Até que finalmente, um deles perguntou: E aonde fica a Cartografia nessa história?. E foi nesse momento que expliquei a eles sobre os mapas e como os utilizamos no dia a dia sem perceber, fazendo da Cartografia uma grande aliada para nossa relação com o espaço e com o mundo.

Nesse contexto, foram sendo inseridos elementos da Cartografia que auxiliam o ser humano a orientar-se e localizar-se no mundo conforme as tradições e instrumentos que compõem essa ciência. Para tanto, iniciamos usando quadro branco e caderno para desenhar juntos a rosa dos ventos. A medida que íamos construindo no quadro e nos



cadernos os estudantes iam se apropriando e passavam a ajudar quem estava com dificuldade (Figura 2).

Foi o caso do estudante J. que era bem resmungão e sempre se negava a participar das aulas - embora sempre fizesse tudo que era proposto, mas, que neste dia, por gostar de ouvir as histórias e por ter ficado curioso sobre o assunto, passou a ir de mesa em mesa para ajudar as colegas que estavam com dificuldades, assumindo esse papel de protagonismo, pois, foi o primeiro a terminar.

Figura 2: Estudante que se voluntariou para ajudar as colegas durante a construção coletiva da rosa dos ventos



Fonte: A Autora, 2023.

No terceiro momento, foi requisitado o uso do celular para acessar a bússola, ao passo que, também foram distribuídas bússolas analógicas para aqueles estudantes que não tinham celular e quiseram usa-la (Figura 3). Ao perguntarem sobre a bússola, o espaço de fala foi aproveitado para trazer a história do surgimento da bússola e algumas curiosidades sobre ela, associando-a a rosa-dos-ventos recém-construída por eles. De modo que, o estudante J. questionou se era aula de Geografia ou História, todos rimos, e ele continuou participando de tudo.



Figura 3: Uso pedagógico do celular e da bússola analógica

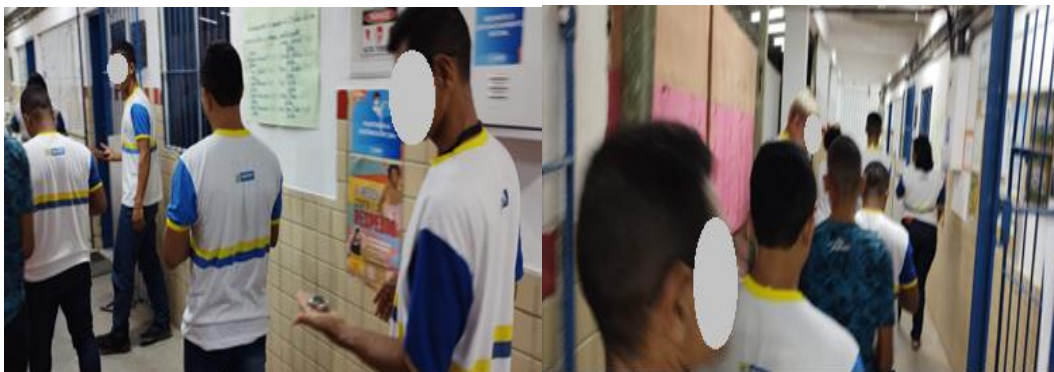


Fonte: A Autora, 2023.

No quarto momento da aula, após os estudantes compreenderem sobre a rosa dos ventos, sobre a bússola, sobre a orientação e localização, foi proposto a eles uma caminhada pela escola, para perceberem o movimento da bússola quando nos deslocamos na superfície terrestre. Todos aceitaram e fomos fazendo a caminhada pelo corredor que ligava a sala de aula ao estacionamento (Figura 4). O percurso foi curto, mas, o entusiasmo foi grande.

O movimento da agulha da bússola digital e da bússola analógica causou um fascínio nos estudantes, dos mais jovens aos mais idosos, de modo que, o alvoroço causado foi tanto, que fez o coordenador da escola sair da sua sala e integrar-se momentaneamente a atividade. Outro aspecto dessa caminhada é que ela foi inclusiva, e os estudantes PCD's diagnosticados com TEA participaram desta atividade de forma integrada e com muita alegria.

Figura 4: Caminhada com as bússolas pela escola



Fonte: A Autora, 2023.



Ao voltarmos para sala de aula, depois de todas estas etapas da atividade teórico-prática com fundamento no lúdico, que os estudantes demonstraram ter aprendido sobre orientação e localização, não porque descobriram que existia ferramentas como a bússola, mas, porque o que vivenciaram com o uso da bússola passou a trazer sentido para eles.

Notou-se também que houve a construção do raciocínio geocartográfico pelos estudantes, a compreensão do uso da Cartografia no cotidiano, pois entenderam que quando usam os aplicativos de transporte como: o *Waze*, *Google Maps*, *Citmobi*, *Uber*, mas também, quando pedem e acompanham seus pedidos chegarem pelo aplicativo que mostra a trajetória dos entregadores do *Ifood*, estão fazendo uso da Cartografia e reconheceram que a mesma é algo presente e com sentido em suas vidas.

A roda de conversa final também revelou falas importantes dos estudantes. A estudante A. disse: - *Nunca pensei que na minha vida tinha Cartografia. Nunca nem soube que isso existia, quanto mais que servia para alguma coisa prática do dia a dia. Mas, fico feliz em aprender tanta coisa em tão pouco tempo.* A estudante B. por sua vez afirmou: *Agora toda vez que eu olhar se o Uber tá chegando, ou quando procurar onde fica a clínica do meu médico na internet, vou saber que estou usando um mapa e que isso é Cartografia.* O estudante C. informou: *Essa aula vai me ajudar porque vou começar a dirigir e quem sabe não trabalho como motorista de aplicativo, então vou saber usar o mapa para me deslocar e entendendo de verdade.* O estudante D. que é PCD com TEA e que tinha uma dificuldade em se comunicar comigo e com a turma sorriu largamente e disse: *Gostei da aula, foi divertida, obrigada!*

Dessa forma, entende-se que as aulas organizadas de forma teórico-prática, movimentando os estudantes, desafiando-os, motivando-os a aprender de forma divertida contribuiu para que todos aprendessem a seu modo, porém, levando significados dessa aprendizagem para a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou repensar a forma como ensinar Cartografia na EJA, uma vez que, a dinâmica proposta com o entrelace teórico-prático enunciado nos trabalhos e Lima e Mota (2024), reúnem uma interface de ações didático-pedagógicas sensíveis a sala de aula desta etapa escolar.



É fato que aproximar-se afetuosamente dos estudantes, respeitando-os e abrindo-lhes espaços de escuta, possibilitam essa almejada aula com sentido, tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Vale registrar que ensinar na EJA requer do professor uma postura diferente, tendo como atitudes a proatividade, a empatia, o respeito as diferenças, a ação inclusiva para todos, a criatividade, a resiliência, a solidariedade, a amorosidade freireana, a reflexão sobre a ação docente e autoavaliação, a ação educativa consciente, o compromisso com uma educação equânime, a alegria e a disposição em ensinar para fazer sentido a todos os envolvidos.

Assim, conclui-se que o trabalho lúdico-pedagógico realizado na EJA colaborou para uma aprendizagem significativa, para um protagonismo na aprendizagem, para a inclusão de todos os estudantes envolvidos, para o fortalecimento da cidadania por meio da Cartografia escolar.

AGRADECIMENTOS

Aos estudantes da EJA dos módulos IV e V das turmas de 2023 da EMTI São Cristóvão.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

CASTELLAR, S. V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. (org.) **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C.; ABREU E SILVA, P. R. F. de. **A construção do conhecimento cartográfico nas aulas de Geografia**. [recurso eletrônico]. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2020.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

COSTA, T. S.; SILVA, H. A. da. Geocartografia e ensino: um estudo da formação e prática docente em dois estados do nordeste brasileiro. In: CASTRO, P. A. de; DANTAS, L. P. A (Ogrs.). **Ensino e suas interconecções**. (E-book). v. 2. 2023. p. 280-296. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/105607>. Acesso em: 22 set. 2025.



DILLENBOURG, P. What do you mean by “collaborative learning”? In: P. DILLENBOURG (Ed.). **Collaborative-learning**: cognitive and computational approaches. Oxford: Elsevier, 1999. p. 1–19.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LIMA, J. A. P. Brincar na EJA, e isso pode? O lúdico como mecanismo para a alfabetização geográfica e inclusão no ensino de jovens e adultos no Recife. **Estrabão**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 466–474, 2023. DOI: 10.53455/re.v4i1.193. Disponível em: <https://revista.estrabao.press/index.php/estrabao/article/view/193>. Acesso em: 22 out. 2025.

LIMA, J. A. P.; MOTA, H. G. da S. A Cartografia escolar na educação de jovens e adultos: experiências com atividades lúdicas de ensino. In: CASTELLAR, S. M. V.; PEREIRA, C. M. R. B. (Orgs). ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA (ENPEG), 6., 2024. **Anais do XVI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**: por uma educação geográfica poderosa. São Paulo: FEUSP, 2025.

MANTOAN, M. T. E. **Pela escola inclusiva para todos**. Direcional escolas, jul. de 2007.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: a teoria e texto complementares. São Paulo: Editora Livraria da Física. 2011.

RECIFE. Secretaria de Educação. **Política de ensino da Rede Municipal do Recife**: ensino fundamental do 1º ano ao 9º ano. Recife: Secretaria de Educação, 2021.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. **Aprendizagem colaborativa**: Teoria e Prática. Coleção Agrinho. 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4514719/mod_folder/content/0/Aprendizagem-colaborativa.pdf. Acesso em: 22 nov. 2024.

